



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS II – AREIA-PB
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA**

LUCAS AURÉLIO BARRETO PINTO

**COMERCIALIZAÇÃO DE EQUINOS VIVOS NA MESORREGIÃO DO AGRESTE
PARAIBANO**

**AREIA
2019**

LUCAS AURÉLIO BARRETO PINTO

**COMERCIALIZAÇÃO DE EQUINOS VIVOS NA MESORREGIÃO DO AGRESTE
PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Zootecnia no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Graduado em Zootecnia.

Orientador: Profa. Dra. Maria Lindomárcia Leonardo da Costa

AREIA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P659c Pinto, Lucas Aurelio Barreto.

Comercialização de equinos vivos na mesorregião do
agreste paraibano / Lucas Aurelio Barreto Pinto. -
Areia, 2019.

28 f. : il.

Orientação: Maria Lindomárcia Leonardo da Costa.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Cavalos. 2. Comércio. 3. Mercado. I. Maria
Lindomárcia Leonardo da Costa. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ZOOTECNIA

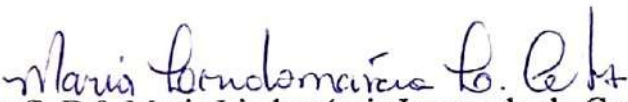
DEFESA DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Aprovada em 18/10/2019.

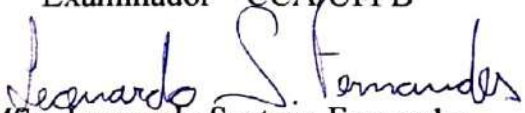
**“COMERCIALIZAÇÃO DE EQUINOS VIVOS NA MESORREGIÃO DO
AGRESTE PARAIBANO”**

Autor: LUCAS AURÉLIO BARRETO PINTO

Banca Examinadora:


Prof.^a. Dr.^a. Maria Lindomárcia Leonardo da Costa
Orientadora


Prof. Dr. Marcelo Luis Rodrigues
Examinador – CCA/UFPB


MSc. Leonardo Santana Fernandes
Examinador – DZ/CCA/UFPB

Josemberto Rosendo da Costa
Secretário do Curso

Prof.^a. Adriana Evangelista Rodrigues
Coordenadora do Curso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que torceram por mim e me ajudaram nessa caminhada, em especial, a minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos e minha esposa. Essa conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre ser o sentido de tudo na minha vida, obrigado Senhor pelo dom da vida, por minha saúde e forças para seguir sempre em frente nessa longa jornada.

Ao meu pai Marlos Aurélio e a minha mãe Maria de Fátima, obrigado por tudo o que vocês fizeram e fazem por mim, sem vocês nada disso estaria sendo realizado, não tenho palavras para descrever o quanto vocês são importantes para mim. Obrigado pela educação que me deram, por todo amor e dedicação, vocês sem dúvida me ensinaram o que é ser família em todos os sentidos, agradeço sempre a Deus pela família que tenho, enfim, eu amo vocês.

Aos meus irmãos, Marlla, Leví e Gabriel, por sempre estarem do meu lado e me apoiarem em tudo, em especial a Leví, por todo o companheirismo, lealdade, amor e dedicação. A caminhada foi longa, mas, seguimos sempre de cabeça erguida, firmes um ao lado do outro. Você tem parcela fundamental nessa minha conquista, obrigado por todo apoio e por tudo.

A minha esposa Keilla Karina, obrigado por todo apoio que me destes, por sempre estar ao meu lado me apoiando e compartilhando vários momentos especiais na minha vida, sou grato demais a Deus por ter você na minha vida, te amo.

A professora Adriana Evangelista, coordenadora do curso, por seu empenho.

À professora Maria Lindomárcia, pelo apoio, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, correções, conselhos e por toda dedicação.

Aos professores do Curso da UFPB, em especial, Marcelo Luís, Marcos Buzanskas, Juliana, Edson Mauro, Edilson Saraiva, Marquiliano, Severino Gonzaga que contribuíram ao longo desses semestres, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos que sempre estiveram comigo e me ajudaram nessa caminhada, Pedro Alves, Pedro Borba, Mateus(Vaqueiro), Diego Sousa, Thalys Pinto, Carlos Fábio, Juninho, Joãozinho, Antoniel Cavalcanti, Ricardinho, Helinaldo, Júnior José, Jocelin, Robson Carneiro, Adoniram(Doda), Marcos Antônio(in memoriam), John Igor, Alidiel, Tiago Guerra, Wellinton(Caninha), Walkleber, Gledson, Ítalo Gabriel, José Lucas, André Igor, Arnon, Kelvin, Renan, Arthiel, Gustavo Gouveia(Cuequinha), Ronaldo Zelador(Chefe), Candinho Zelador, Evilázio Lanchonete. E em especial a Igor Lima(Martelo) e Wagner Leandro, amigos e companheiros de quarto, Quarto A7, foram

vários momentos compartilhados juntos, muitas histórias para contar, muitas conversas, conselhos, uma caninha de vez em quando nera ? rsrs... vocês fizeram minha graduação mais feliz, obrigado por tudo meus amigos, vocês foram essências para essa conquista, que Deus nos mantenha sempre unidos e vivenciando momentos de muitas alegrias juntos.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi caracterizar a comercialização de cavalos vivos na Mesorregião do Brejo Paraibano. Foram aplicados questionários em feiras livres e haras dos municípios de Arara, Areia, Bananeiras, Campina Grande, Lagoa Seca, Remígio e Solânea. O período de coleta das informações ocorreu entre os meses de agosto à outubro, totalizando a aplicação de 40 questionários, sendo 23 em feiras livres e 17 em haras. Nas feiras livres foram observados que 95,65% dos entrevistados disponibilizavam no máximo sete animais, dos quais se verificou a predominância da comercialização de fêmeas, assim como valor agregado superior quando comparado aos machos. Animais adquiridos em feiras livres são adquiridos principalmente para atividades na lida do campo (43,48%), passeio (39,13%) e esporte (17,39%). Nos haras da Mesorregião do Agreste Paraibano destaca-se a criação de equinos da raça Quarto de Milha representando 76,47% dos estabelecimentos visitados, com os animais mais vendáveis entre 6 a 12 meses de vida. Os valores agregados e de comercialização dos animais desses criatórios são superiores, e as fêmeas também apresentam maior lucratividade. Conclui-se que a realidade do mercado de equinos vivos em feiras livres e haras na Mesorregião do Agreste Paraibano é distinta, entretanto nessa pesquisa, foram encontrados comportamentos semelhantes no que tange ao valor agregado e comercialização das fêmeas.

Palavras-Chave: Cavalos. Comércio. Mercado.

ABSTRACT

The objective of this research was to characterize the commercialization of live horses in the Brejo Paraibano Mesoregion. Questionnaires were applied in open markets and horse farms in the municipalities of Arara, Areia, Banana, Campina Grande, Lagoa Seca, Remigio and Solânea. The information collection period took place between August and October, totaling the application of 40 questionnaires, 23 in open markets and 17 in horse farms. In the free markets, it was observed that 95.65% of the interviewees made available a maximum of seven animals, of which there was a predominance of commercialization of females, as well as higher added value when compared to males. Animals acquired in free markets are acquired mainly for activities in the field (43.48%), walking (39.13%) and sports (17.39%). In the farms of the Mesorregião do Agreste Paraibano stands out the breeding of Quarter Horses representing 76.47% of the establishments visited, with the most salable animals between 6 to 12 months of life. The aggregated and commercialized values of the animals of these farms are higher, and the females also show higher profitability. It is concluded that the reality of the live horse market in free fairs and horse farms in Agreste Paraibano Mesoregion is different, however in this research, similar behaviors were found regarding the added value and commercialization of females.

Keywords: Horses. Trade. Market.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Questionário Feiras.....	18
Tabela 2 – Questionário Haras.....	18

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mesorregiões e microrregiões do Estado da Paraíba..	17
FIGURA 2- Mesorregiões do Estado da Paraíba.....	17
FIGURA 3- Percentual de animais comercializados por vendedor nas feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%)	20
FIGURA 4- Valores médios da comercialização de machos e fêmeas comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.....	21
FIGURA 5- Lucratividade de equinos machos e fêmeas comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano..	22
FIGURA 6- Finalidade dos equinos comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%).....	22
FIGURA 7- Distribuição de machos e fêmeas em haras na Mesorregião do Agreste Paraibano..	23
FIGURA 8- Idade dos equinos comercializados em haras na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%)	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVO.....	12
3 REVISÃO DE LITERATURA	13
4 METODOLOGIA	17
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5.1 Feiras livres	20
5.2 Haras.....	23
6 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

O cavalo sempre teve grande destaque e importância para o mundo, desde os períodos mais remotos das civilizações até os dias de hoje, o que nos faz ter uma noção do elo tão forte entre cavalo e homem. A relação homem-cavalo só cresce cada dia mais, pois os equinos não são apenas animais de trabalho como podemos ver na atualidade o quanto o cavalo se destaca no esporte, gerando inúmeros empregos em função da sua importância nas atividades equestres de lazer.

O mercado do cavalo movimenta bastante dinheiro e é fonte de renda e emprego para várias famílias no Brasil e no mundo, de maneira que exigem alguns estudos pontuais sobre a importância econômica do cavalo para a economia.

Na região Nordeste é crescente o número de esportes com equinos, não sendo apenas a vaquejada a responsável pelo giro financeiro desse setor agropecuário, embora essa ainda seja a mais notória. Podemos observar outros esportes e práticas envolvendo o cavalo, como por exemplo, três tambores, baliza, atividades de equoterapia e cavalgadas.

O rebanho total de equídeos no Brasil totaliza cerca de oito milhões de cabeça, incluindo assim os asininos (asnos) e muares (mulas), sendo assim o maior rebanho da América Latina e o terceiro maior rebanho do mundo (Ricciardi et al, 2014).

A Paraíba no ano de 2004 tinha um rebanho de 52.020 cabeças de animais e em 2013 passou a ter 46.262, o que representa uma queda de 11,07% do rebanho paraibano (MAPA, 2016).

Tendo em vista o alto potencial de se obter renda com a criação de equinos, haja vista as diversas possibilidades de atividades que esta espécie consegue ofertar para seus criadores.

2 OBJETIVO

Objetivou-se com essa pesquisa foi caracterizar o perfil da comercialização de cavalos vivos na Mesorregião do Brejo Paraibano.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Desde 1980, a indústria equina tem crescido de forma muito notável em quase todo o país, que não tinha mais como considerá-la apenas uma atividade zootécnica, ou até mesmo como um hobby, e quem continuava com esse pensamento só mostrava que não tinha nenhum conhecimento do quanto a indústria equina crescia (CARVALHO, 1980).

Lima et al. (2006) em seu estudo pioneiro sobre o agronegócio brasileiro do cavalo chegaram a conclusão que este segmento, ao contrário de muitas outras atividades agropecuárias, não se enquadrava na estrutura padrão de cadeia produtiva linear, onde existe uma série de cadeias entrelaçadas, formando um complexo agropecuário como assim é denominado.

No ano de 2006 ranqueando o quarto maior rebanho do mundo (5,8 milhões de cabeças), a equinocultura nacional movimentou cerca de R\$ 7,5 bilhões por ano e geraram 640 mil empregos diretos e 2,6 milhões de empregos indiretos, números bem superiores aos de outros setores que tem uma visibilidade maior que o agronegócio do cavalo (LIMA et al., 2006).

A cadeia produtiva do cavalo no Brasil era considerada antigamente como uma atividade elitista, onde apenas os ricos tinham o poder de comercialização dos cavalos de forma que afetasse o agronegócio brasileiro. O cavalo para muitos brasileiros ainda era tido apenas para o trabalho e como transporte e a comercialização dos mesmos era muito pouca em comparação com os cavalos de raça que começavam a se destacar e ganhar mídia com sua beleza e versatilidade (MAPA 2016).

No ano de 2004 com a iniciativa da Confederação Nacional da Agricultura e da Câmara de Equideocultura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a realidade começou a ser realmente apurada e com o auxílio do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo podemos hoje ter resultados de como anda a cadeia produtiva do cavalo (MAPA, 2016).

De acordo com Lima (2010) o Brasil era um grande exportador de cavalos vivos, as exportações aumentaram de US\$ 260 mil em 1996, para US\$ 2 milhões em 2005. No ano de 2019 já ocupava a 28ª colocação como maior exportador mundial e o principal importador de cavalos brasileiros era o Estados Unidos. O comércio do cavalo girava muito entre o Brasil e Estados Unidos. Nosso país ocupava a 35ª posição entre os maiores importadores mundiais de

cavalo, porém, cerca de dois terços dos animais que entravam no Brasil, vinham dos Estados Unidos e Argentina.

Passada mais de uma década muita coisa mudou, mas o trabalho de 2006 ainda continua sendo quase que a única referência econômica para diversos artigos técnicos, científicos e jornalísticos (MAPA, 2016).

Fazer um censo geral de quantos animais existem no país não é fácil. O Brasil no ano de 2012 tinha um rebanho de quase 5,5 milhões de cabeças de animais, diferentemente de outros rebanhos e, como por exemplo, o rebanho de bovinos, existem vários números de cavalos nas cidades, principalmente em grande cidades onde existem maior foco de atividades como, por exemplo, jockey e vaquejada; com isso a contagem fica bem mais difícil, são bem mais pontos para se fazer a pesquisa (MAPA, 2016).

Apesar de uma discreta produção para o consumo da carne, a grande maioria dos animais produzidos mundialmente e no Brasil é destinada para montaria como forma de lazer, esporte e para a lida nas propriedades rurais. Sendo assim, o principal objetivo dessa atividade é a produção de um potro por ano, por égua, sendo necessária a obtenção de produtos com qualidades físicas e psicológicas voltadas para atender o desejo do mercado consumidor que se destinam (FERNANDES, 2009).

O Brasil ocupa uma ótima posição no mercado mundial de equinos vivos, com um dos maiores rebanhos do mundo, e o maior da América Latina. Possui parque industrial para abate e exportação de carne equina, e também possui acesso a mercados importantes. Sendo assim, sugere um potencial significativo para exportações brasileiras no mercado mundial. Podemos assim pensar em uma criação que ultrapasse das atividades de lazer e trabalho como é comumente utilizado no Brasil, mas também para produção de carnes como já acontece em muitos países; porém, a produção e o mercado de carne equina no país ainda são pouco estudados, e quando existem tais pesquisas se concentram na Europa e Estados Unidos (SANTOS, 2016).

O consumo da carne de equídeos no Brasil é muito pouco e insignificante economicamente devido principalmente a fatores culturais. O abate de equinos é quase que insignificante quando comparado ao abate bovino, suíno ou avícola, apesar de ser importante em relação ao cenário mundial. A taxa de abate no país é de cerca de 3,2% na espécie, enquanto gira em torno de 13,6% para os bovinos (IBGE, 2016). No ano de 2017, foram abatidos até agosto 14,477 animais, com 51,53% dos abates realizados em Minas Gerais e 48,46% no Rio Grande do Sul. Existem oito frigoríficos de equinos no país, sendo quatro

destes, matadouros e localizados nos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo (MAPA, 2017).

O mercado de ração também movimenta bastante dinheiro no Brasil e o crescimento da venda de rações só cresce com o passar dos anos, o Brasil em 1998 produzia cerca de 220 toneladas de rações por ano e em 2014 passou a produzir 610 toneladas de rações por ano, comprovando assim um grande aumento nas vendas de rações para cavalos. Estimando o preço médio da ração em R\$ 0,80/kg, o volume dessa produção corresponde a R\$ 488 milhões (MAPA, 2016).

O mercado mundial de medicamentos veterinário tem crescido de forma considerável. Em 2014, o faturamento da indústria de medicamentos veterinários atingiu 23,9 bilhões de dólares, dos quais 47% ocorreram nas Américas, e o que se espera é que esse faturamento continue crescendo a cada ano, as apostas mundiais concentram-se em países latino- americanos e dentre estes o Brasil se destaca já como segundo maior mercado mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos (MAPA, 2016).

O cavalo se divide entre o cavalo para a lida e os cavalos para esporte e lazer. Os cavalos de lida são os que vivem 100% nas fazendas e que são utilizados na lida, por exemplo, com o gado, e são cavalos na maioria das vezes sem nenhum padrão racial definido; enquanto equinos de esporte e lazer vivem comumente mais próximos da zona urbana e são animais bem mais onerosos e de raças especializadas para esporte e lazer (MAPA, 2016).

Em análise realizada em uma propriedade rural que desenvolve a atividade de criação de cavalos para comercialização, concluiu-se que aos nove meses de idade é possível realizar a venda dos produtos com a maior rentabilidade (BASTOS, 2006).

Em 2014, os criadores de cavalos de vaquejada corresponderam 9,3% dos criadores totais de cavalos do Brasil e a comercialização total dos cavalos de vaquejada correspondia a 12,3% do comércio de cavalos do Brasil (MAPA, 2016).

Travis et al. (2013) e Weber et al. (2013) demonstraram que o produto da criação de equinos não se trata de commodities, por isso o valor de cada animal é diferenciado e determinado por inúmeros fatores, como raça, genealogia, morfologia do indivíduo, aptidão para esporte, temperamento do animal, preferência do mercado consumidor, demanda por animais, dentre outros. Além disso, somente uma parte dos proprietários colocam seus potros à venda em leilões, e em uma mesma propriedade, não são todos os potros que são colocados à venda. Sendo assim, essa média de preços obtida através da análise de leilões não reflete a realidade de preços praticados nas propriedades criadoras de equinos, que tende a ser mais baixa que o apresentado.

O mercado de consumidores de cavalos no Brasil está passando por uma transformação de mentalidade, está se profissionalizando, deixando de ser apenas um hobby e se tornando cada vez mais reconhecido por todos como uma atividade econômica; porém, a ausência de subsídios governamentais limita a evolução desse processo. Os Estados Unidos, por exemplo, é uma grande referência no setor, pois o governo é um grande incentivador de subsídios para comercialização de equinos, além de vários incentivos e investimentos para áreas rurais e estruturais para desenvolver a criação equestre. Com isso, os criadores de cavalos brasileiros precisam melhorar cada vez mais seus investimentos para entrar e se manter no ramo, seja ela para prática esportiva, criação ou comercialização de animais (Ricciardi et al, 2014).

4 METODOLOGIA

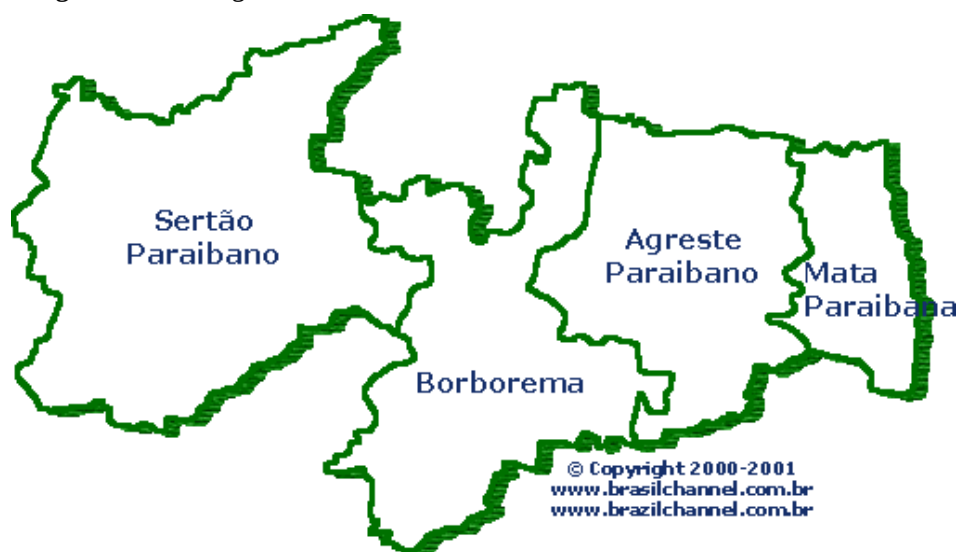
Essa pesquisa consistiu na aplicação de questionários em feiras livres e haras na Mesorregião do Agreste Paraibano (Figura 1 e 2), nos municípios de Arara, Areia, Bananeiras, Campina Grande, Lagoa Seca, Remígio e Solânea.

Figura 1. Mesorregiões e microrregiões do Estado da Paraíba.



Fonte: Anuário Estatístico da Paraíba (2006).

Figura 2. Mesorregiões do Estado da Paraíba.



Fonte: www.brasilchannel.com.br.

O presente estudo teve como instrumento a aplicação de questionários (Anexo 1) para obtenção de dados. Foram dois questionários com perguntas equivalentes e de acordo com o tipo de local visitado, ou seja, um específico para os haras e outro para as feiras livres.

As questões foram fechadas, com repostas de carácter responsivo rápido e elaboradas sem torná-las tendenciosas.

O questionário das feiras livres e haras tiveram 11 e 13 perguntas, como pode ser verificados nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1. Questionário aplicado nas feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.

Avaliação comercial de equinos vivos nas feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano	
1. Quantidade de animais -	2. Raça -
3. Quantidade de fêmeas -	4. Quantidade de machos -
5. Média de idade de fêmeas -	6. Média de idade dos machos -
7. Média de preço das fêmeas -	8. Média de preço dos machos -
9. Margem de lucro das fêmeas -	10. Margem de lucro dos machos -
11. Finalidade dos animais - () Lida na propriedade () Passeio () Esporte () Comércio () Outros	

Tabela 2. Questionário aplicado nos haras da Mesorregião do Agreste Paraibano.

Avaliação comercial de equinos vivos nos haras na Mesorregião do Agreste Paraibano	
1. Quantidade de animais - () Até 1 ano () De 1 a 2 anos () De 2 a 5 anos () Acima de 5 anos	2. Raça -
3. Quantidade de fêmeas -	4. Quantidade de machos -
5. Média de idade de fêmeas -	6. Média de idade dos machos -
7. Média de preço das fêmeas -	8. Média de preço dos machos -
9. Margem de lucro das fêmeas -	10. Margem de lucro dos machos -
11. Qual animal mais vendável - () Fêmea () Macho	
12. Qual idade dos animais mais vendáveis - () 0 a 6 meses () 7 a 12 meses () 13 a 18 meses () 19 a 24 meses () 2 a 3 anos () 3 a 5 anos () Acima de 5 anos	
13. Finalidade dos animais - () Lida na propriedade () Passeio () Esporte () Comércio () Outros	

O período de coleta das informações ocorreu entre os meses de agosto a outubro de 2019, totalizando a aplicação de 40 questionários, sendo 23 em feiras livres e 17 em haras.

Os entrevistadores foram previamente treinados para facilitar e evitar distorções das respostas, tornando assim a qualidade da pesquisa o mais realístico e idôneo possível.

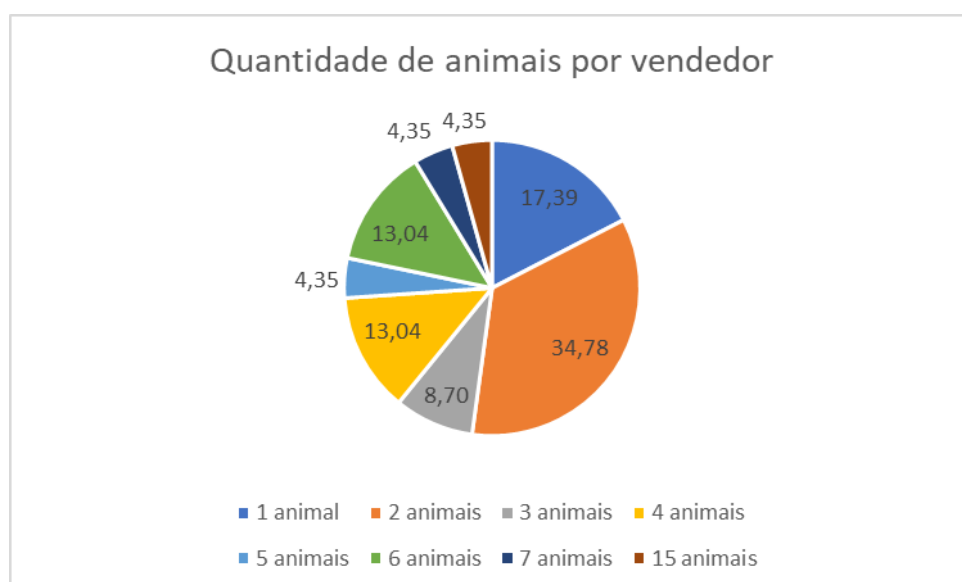
Após a coleta dos dados, os mesmos foram tabulados para avaliação do comportamento das respostas com aplicação de estatística descritiva: médias e desvio padrão. Foram elaborados gráficos para melhor visualização da natureza e diferenciação das respostas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Feiras livres

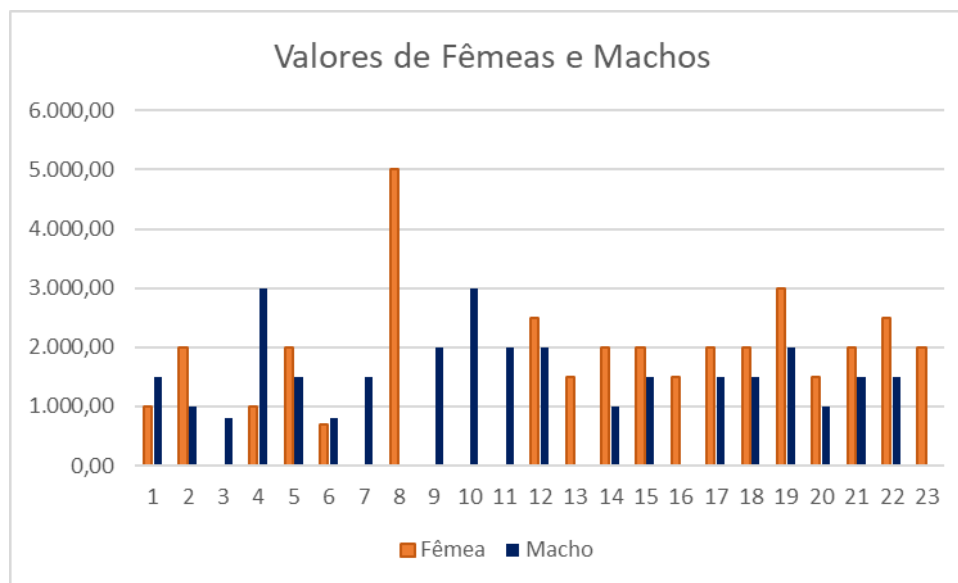
Nas feiras livres foram verificados que os comerciantes tinham média de 3,61 animais com 17,39% dos entrevistados disponibilizando apenas um animal para comercialização. Também foram observados que 95,65% dos entrevistados levavam para as feiras no máximo sete animais e apenas um comerciante disponibilizava para venda 15 animais (Figura 3).

Figura 3. Percentual de animais comercializados por vendedor nas feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%)



Dentre as entrevistas realizadas nas feiras livres foi constatado que as fêmeas são comercializadas com preço 15,46% superior quando comparado aos machos. Foi observado preço médio das fêmeas de R\$ 1.573,91, enquanto que a média dos machos foi R\$ 1.330,43 (Figura 4).

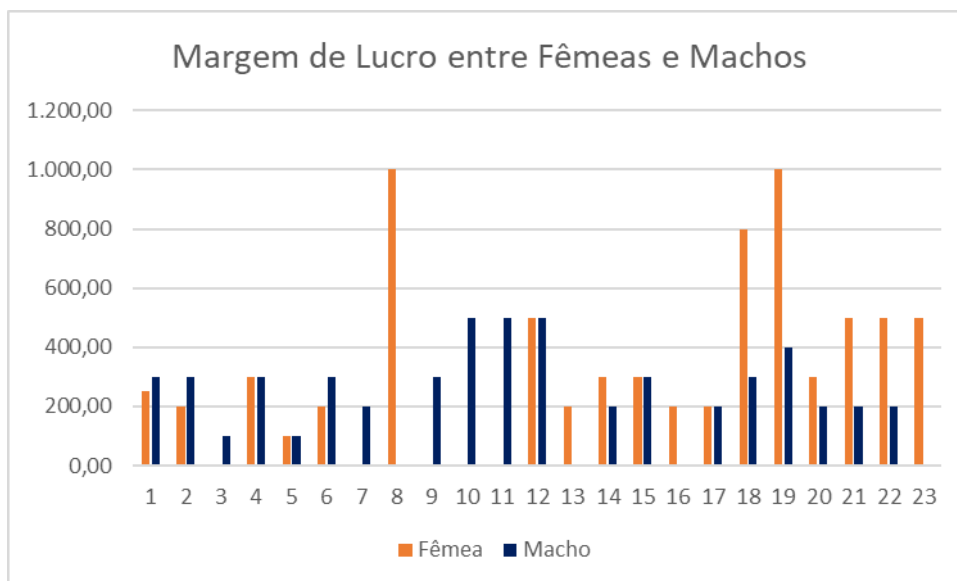
Figura 4 Valores médios da comercialização de machos e fêmeas comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.



A provável explicação para o valor inferior dos machos deve-se ao fato dos mesmos, na sua maioria, serem castrados. Essa condição inviabiliza a utilização desses indivíduos como garanhões, contrariamente ao que ocorre nas fêmeas que podem ser empregadas na reprodução, inclusive como receptoras.

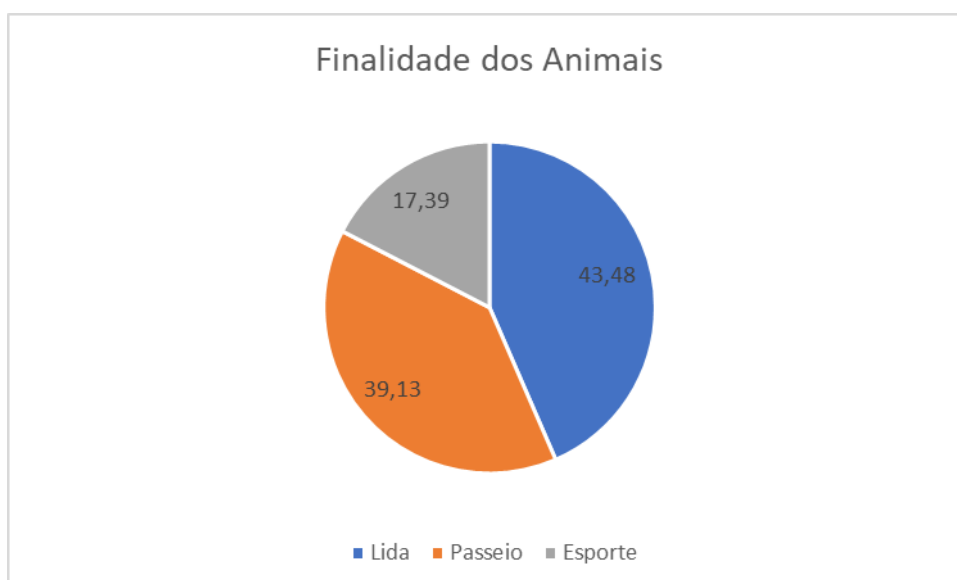
Dentre as fêmeas, a margem média de lucro é de R\$319,57, enquanto que para os machos, a lucratividade é de R\$234,78 (Figura 5). Esses valores consolidam a valorização das éguas em relação aos machos; embora o foco dessa pesquisa não esteja voltado para a comercialização de fêmeas receptora, sabe-se que esses indivíduos apresentam maior valor agregado na época da estação de monta.

Figura 5. Lucratividade de equinos machos e fêmeas comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.



Em relação aos animais comercializados, foram constatados que 95,65% dos equinos não tinham padrão racial definido. Com pode ser verificado na Figura 6, esse dado é condizente com o fato de que os animais adquiridos em feiras livres também são destinados para atividades na lida do campo (43,48%), passeio (39,13%) e esporte (17,39%).

Figura 6. Finalidade dos equinos comercializados em feiras livres na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%)



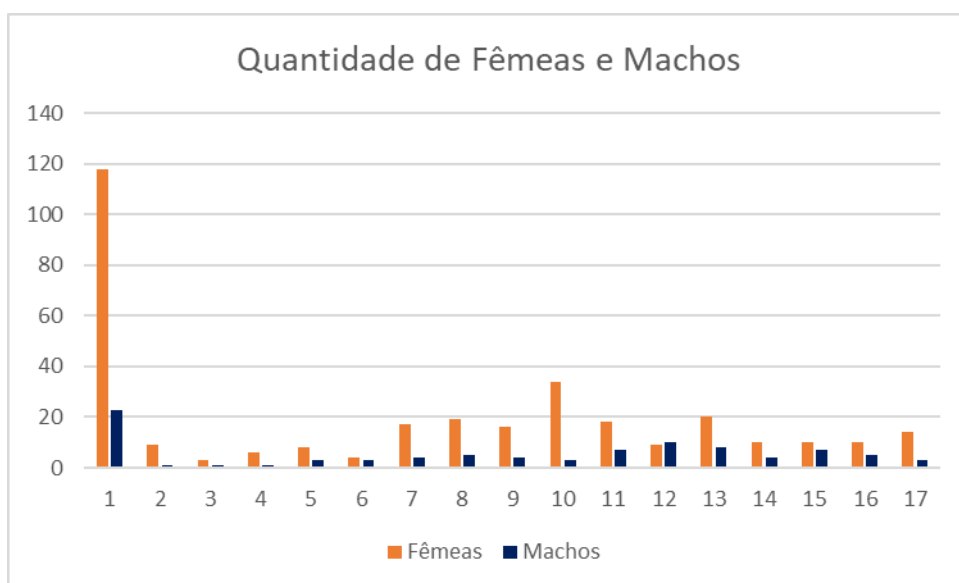
Tradicionalmente, as feiras livres são um meio comum de comercialização de equinos de menor valor agregado contribuindo para a criação desses animais dentro de pequenas propriedades.

5.2 Haras

Dentre os haras visitados foram encontrados apenas as raças Quarto de Milha (76,47%) e Mangalarga Machador (23,53%). A raça Quarto de Milha apresentou liderança na comercialização dos haras pelo fato da vaquejada ser o esporte equestre mais praticado na Paraíba, gerando grande quantidade de empregos e renda para milhares de brasileiros; enquanto que o Mangalarga Marchador vem crescendo consideravelmente na região, devido a crescente prática de cavalgadas cada vez mais adotadas por apreciadores de cavalos e natureza.

A quantidade de fêmeas (77, 93%) foi predominante nos haras visitados, sendo verificadas 325 fêmeas do total de 417 animais contabilizados nesses estabelecimentos (Figura 7), sendo também mais vendáveis (82,35%).

Figura 7. Distribuição de machos e fêmeas em haras na Mesorregião do Agreste Paraibano.



Sabendo-se a principal fonte de renda dos haras são vendas de animais e sêmen de seus reprodutores, é fato que o número de fêmeas seria expressivamente superior aos machos, pois, quanto mais éguas nos criatórios, maior será o número de potros ofertados.

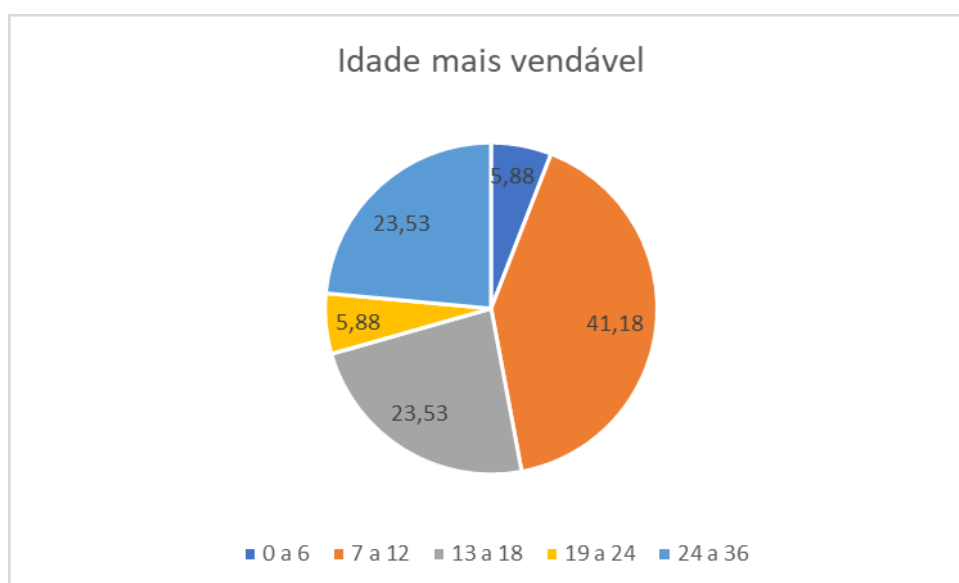
Embora os machos tenham sua devida importância, no sistema de produção de equinos para vendas, esses indivíduos tem parte de suas funções restrita à reprodução, e apenas um

indivíduo pode atender a produção de um haras dependendo do número de fêmeas, manejo, métodos e biotecnologias da reprodução adotadas.

Foi observado variação no valor agregado de fêmeas e machos com valores médios de R\$ 24.058,82 e R\$ 20.058,82, respectivamente; apontado para uma valorização de 16,62% das éguas. Esse resultado variou pelo fato de que as fêmeas possuem maior retorno financeiro para o comprador, além de servir para a reprodução, as mesmas podem competir igualmente com machos em competições equestres. Acrescido a isso, deve-se ressaltar que mesmo as éguas que não apresentam excelentes resultados atléticos nas pistas, essas ainda assim são destinadas a fins reprodutivos.

Como pode ser observada na Figura 8, dentre os haras entrevistados a idade que foi apontada como mais vendável compreende de seis a doze meses de vida, o que corresponde a 41,18% dos dados avaliados nessa pesquisa. Essa idade é compatível com o período pós desmame, tendo em vista que quanto mais tempo os potros permanecem nos haras, torna-se mais oneroso mantê-los na propriedade.

Figura 8. Idade dos equinos comercializados em haras na Mesorregião do Agreste Paraibano.(%)



A finalidade dos animais comercializados pelos haras compreende principalmente a prática de esportes equestre (76,47%), na qual a vaquejada destaca-se na região; seguida do emprego desses animais para atividades de passeio (23,53%), no qual a raça Mangalarga Marchador é mais amplamente utilizada.

6 CONCLUSÃO

A realidade do mercado de equinos vivos em feiras livres e haras na Mesorregião do Agreste Paraibano é distinta, entretanto nessa pesquisa, foram encontrados comportamentos semelhantes no que tange ao valor agregado e comercialização das fêmeas.

REFERÊNCIAS

- A. R. Ricciardi, B. P. Vilhena, F. A. G. S. Neto, E. E. Spers, J. Chini. **Associações de Interesse Privado no Setor de Equinos em São Paulo: O Caso da ABQM**. Campo Grande 2014.
- CARVALHO, R. L. **Racionalizar para bem criar**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/ Comissão Coordenadora do Cavalo Nacional 1980. p.119. (Anuário).
- FERNANDES, R.S. **Estudo da Puberdade na Cavalo Puro-Sangue Lusitano em condições de manejo tradicional**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Zootécnica) - Universidade de Lisboa, Lisboa 2009.
- LIMA, R. A. S. **Agronegócio: O crescimento do Brasil no comércio internacional de cavalos vivos**. Rev. Bras. Med. Vet. Equina, ano 5, n. 27,.p 28-29,2010.
- LIMA, R. A. S.; SHIROTA, R.; BARROS, G. S. C. **Estudo do complexo do agronegócio cavalo**. Piracicaba: CEPEA/ESALQ/USP, 2006, 251 p. (Relatório Final).
- LIMA, R.A.S; CINTRA, A.G. **Revisão do estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo**. Brasília: MAPA, 2016.
- SANTOS, B.E.S. **Estudo exploratório do mercado e da produção do cavalo Brasileiro de Hipismo no estado de São Paulo**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, Universidade de São Paulo, Pirassununga, 2016.
- TRAVIS N.G., CHONG, T.T.L., SIU, M.T., EVERARD, B. **What determines the price of a racing horse? Applied Economics**, 2013. V. 45, n. 3, pp. 369-382.
- WEBER, W.J.; BEESON, S.K.; WILSON, J.; SIGLER, D.H.; GLUNK, E.C.; ZOLLER, J.L.; MARTINSON, K.L. **Horse prices and seller reasons from sale barns in Minnesota, Wisconsin and Texas**. Journal of Equine Veterinary Science, 2013. v. 33, pp. 321-399.